

JUVENILIZAÇÃO DA EJA: DESAFIOS PEDAGÓGICOS E CAMINHOS DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO JUVENIL

JUVENILIZATION OF ADULT EDUCATION (EJA): PEDAGOGICAL CHALLENGES AND APPROACHES TO SERVING YOUNG LEARNERS

Vinícios Barros Lima¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0596-057X>

Alia Maria Barrios González²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6679-9132>

Resumo:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educação formal que busca garantir direitos educativos da população acima de 15 anos que não teve a oportunidade de finalizar a Educação Básica. Assim, atende um perfil diversificado de alunos e, nas últimas décadas, tem abrigado inúmeros jovens afastados da escola regular. Este processo, chamado de juvenilização da EJA, tem ampliado e intensificado desafios pedagógicos relacionados à formação docente. À luz disto, este artigo apresenta uma revisão sistemática de literatura realizada com o método *Systematic Search Flow*, que objetivou identificar desafios pedagógicos atuais e decorrentes da juvenilização da EJA com base na produção acadêmica na área da educação. Os resultados mostram desafios específicos que abrangem práticas pedagógicas e avaliativas inadequadas, conflitos intergeracionais e uma visão cerceadora dessa modalidade educativa. Esses desafios ainda são estudados e discutidos de forma tímida, apontando a necessidade de mais pesquisas e de diálogo em âmbito social e escolar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Processo de ensino-aprendizagem. Trabalho docente.

Abstract:

Adult Education (EJA) is a formal educational modality in Brazil aimed at ensuring the right to education for individuals aged 15 and older who did not complete Basic Education at the expected age. As such, it serves a diverse student population and, in recent decades, has increasingly included a significant number of younger students who have become disengaged from regular schooling. This process, referred to as the juvenilization of EJA, has intensified pedagogical challenges, particularly those related to teaching practices and teacher education. In light of this, the present article presents a systematic literature review conducted using the Systematic Search

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília – UnB.

² Professora Adjunta da Universidade de Brasília - UnB, Faculdade de Educação - FE, Departamento de Teoria e Fundamentos – TEF. Doutora e Mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília – UnB

Flow method, with the aim of identifying current pedagogical challenges arising from the juvenilization of EJA, based on academic production in the field of education. The results point to specific challenges, including inadequate pedagogical and assessment practices, intergenerational conflicts, and a restrictive understanding of this educational modality. These challenges remain underexplored in the literature, highlighting the need for further research and for broader discussion at both the social and school levels.

Keywords: Adult Education (EJA). Teaching-learning process. Teaching work.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem como propósito primordial propiciar o acesso à educação e a qualificação de pessoas que, por múltiplos motivos, não concluíram a Educação Básica na idade esperada. Seu público-alvo é conformado, em sua maioria, por jovens, adultos trabalhadores e idosos oriundos dos diferentes segmentos da sociedade que procuram alfabetização, escolarização e qualificação profissional adequada para sua futura inserção laboral ou a busca por melhores posições no mercado de trabalho. Sob esse prisma, a EJA constitui-se historicamente como uma modalidade da Educação Básica de caráter reparador, desenhada para assegurar o direito à escolarização aos sujeitos alijados do sistema educacional (Brasil, 2000). Essa busca pela garantia de direitos fica visível ao observarmos a trajetória da modalidade ao longo dos anos.

As origens dessa modalidade de ensino remontam ao período imperial a partir de políticas que visavam mitigar o analfabetismo que assolava a população brasileira naquele período. Em 1879, com o Decreto nº 7.247, de 19 de abril, Leôncio Carvalho apresenta a reforma de ensino que prevê a inclusão de cursos para adultos analfabetos com duas horas diárias de duração no verão e três no inverno, com as mesmas matérias no diurno. Esses cursos surgiram como resposta ao crescimento urbano e à necessidade de instrução nesses centros. Seu público-alvo eram os homens adultos livres e libertos, e o curso tinha a oralidade como princípio educativo (Rêses; Silveira; Pereira, 2017).

A partir de iniciativas como o citado decreto, a EJA começa a tomar forma. Porém, um marco inicial para a Educação de Adultos foi a promulgação da Constituição de 1934, que reconheceu o ensino primário extensivo a essa população como um direito do cidadão e um dever do Estado. Esse compromisso com a educação de adultos foi ganhando força nas décadas seguintes, especialmente no começo dos anos 60, com movimentos populares como o Movimento de Educação de Base (MEB), União Nacional dos Estudantes (UNE) e, sobretudo, políticas como o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que naquela altura estava sob coordenação do Paulo Freire (Rêses; Silveira; Pereira, 2017).

Entretanto, tais avanços acabaram perdendo força a partir do golpe militar de 1964, que marginalizou discussões sobre uma educação democrática e inclusiva. Somente com a redemocratização nas décadas seguintes é que o debate sobre uma educação para jovens, adultos e idosos volta a ter visibilidade. Como resultado, marcos legais são estabelecidos, como o artigo 208 da Constituição de 1988, que define como dever do Estado a garantia da Educação Básica obrigatória e gratuita, inclusive aos que não tiveram acesso na idade esperada (Brasil, 1988), e a Seção V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), que nomeia e

estabelece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), reconhecendo sua especificidade e importância no sistema educacional brasileiro (Brasil, 1996; Rêses; Silveira; Pereira, 2017).

Com o estabelecimento desses marcos legais que reconhecem sua importância, a EJA pôde avançar em sua concepção, especificidades e objetivos (Brasil, 1988, 1996; Rêses; Silveira; Pereira, 2017). Assim, na atualidade é possível afirmar que seus objetivos ultrapassam a alfabetização e a escolarização, enfrentando o desafio de uma formação abrangente e de uma aprendizagem contínua em três dimensões: individual, profissional e social. A dimensão individual considera a capacidade de todo ser humano de buscar ativamente seu pleno potencial e de se desenvolver aprendendo sobre o mundo e sobre si mesmo com vista a sua agencialidade. A dimensão profissional inclui tanto a necessidade de qualificação quanto a necessidade de constante atualização frente à expansão contínua do conhecimento. A dimensão social vai além do acesso à informação e abrange a formação de valores sociais fundamentais em nível sociocultural, a formação cidadã para um posicionamento crítico, ativo e participativo na transformação social. Conforme Reichardt e Silva (2020), na atualidade a EJA não se limita a uma simples reposição de escolaridade; ela é uma modalidade de ensino que deve fomentar a construção de conhecimentos, habilidades e competências para transformar o mundo. Inicialmente criada para as pessoas que não tiveram a possibilidade de começar ou concluir seus estudos de Ensino Fundamental e/ou Médio em idade escolar esperada, a EJA tem evoluído em nível conceitual e organizacional, deixando de ser uma oportunidade de reposição da escolaridade para se instaurar como modalidade educativa fundamental para a construção de conhecimentos transformadores.

Entretanto, é necessário sinalizar que as mudanças da EJA abrangem mais do que as esferas conceituais e organizacionais. Nas últimas décadas, alguns estudos têm sinalizado a configuração de uma mudança no perfil do aluno da EJA e alguns dos desafios decorrentes dessa mudança. Souza Filho, Cassol e Amorim (2021) alertam para a presença de alunos muito jovens na EJA em função do insucesso escolar vivido na escola regular, e de desafios sociais como a necessidade de acesso ao emprego e à renda, que acaba seduzindo o aluno para o mundo do trabalho e promovendo a exclusão da vida escolar.

Miron e Schardosim (2021) situam o início do processo de juvenilização da EJA na década de 1980. Até esse momento, a EJA congregava pessoas maduras ou idosas, geralmente de zonas rurais, que procuravam programas de alfabetização e escolarização pela falta de oportunidades de estudo. De acordo com as autoras, a partir da década de 1980 os programas de EJA começaram a receber jovens de origem urbana com diferentes perfis: alunos com trajetória escolar malsucedida que foram realocados na EJA ou que acabaram evadindo da escola para retornar depois, e jovens trabalhadores ou à procura de emprego. Diferentes pesquisas que foram mapeando o perfil dos discentes da EJA em diversos estados do Brasil (Klava, 2015; Ribeiro, 2004; Santos, 2022) mostram um perfil de aluno caracterizado por uma alta porcentagem de jovens (de 18 a 25 anos) trabalhadores ou desempregados que procuram sua inserção no mercado de trabalho. Muitos dos jovens trabalhadores não têm registro de empregado ou de autônomo, procurando formas de se adequar a situações precárias de trabalho.

Entre os motivos que levaram esses discentes a abandonar a escola, destacam-se os seguintes: necessidade de trabalhar ou falta de dinheiro; motivos ligados à experiência escolar como reprovação e desmotivação; e responsabilidades familiares. O retorno à escola tem sido

motivado por: conseguir ou melhorar no emprego; aprendizagem e desenvolvimento pessoal; dar continuidade aos estudos e finalizar o Ensino Fundamental e/ou Médio o mais rápido possível; e conseguir um certificado de curso profissionalizante. Assim, de um lado, há indícios de que o trabalho constitui um motivo importante para a saída e retorno à escola. De outro lado, a situação precária de trabalho de muitos jovens, além das características da faixa etária, aponta desafios e possibilidades que precisam de reflexão e discussão com o objetivo de promover uma educação de qualidade, com permanência e sucesso de seus discentes.

Souza Filho, Cassol e Amorim (2021) também sinalizam os desafios do fenômeno de juvenilização da EJA para a escolarização, de maneira específica, e para a educação de forma geral. Em primeiro lugar, a juvenilização da EJA requer a conscientização de todos no sentido de repensar as práticas pedagógicas com base nas necessidades e expectativas do seu público juvenil. Além disso, a juvenilização da EJA também apresenta desafios específicos para a formação inicial e continuada dos professores, que lidam constantemente com uma diversidade de perfis relativos à faixa etária, escolarização e cultura.

Oliveira e Costa (2020) apontam a dissonância entre a organização do ensino e a dinâmica da vida dos jovens. Para as autoras, os desafios da juvenilização da EJA perpassam: a) horários de aula incompatíveis com a vida do estudante trabalhador; b) atividades didáticas que não consideram as especificidades das faixas etárias e a heterogeneidade característica da EJA na atualidade; c) arranjos didáticos e curriculares que não consideram a trajetória escolar e as expectativas de formação do aluno. Diante desse cenário, é fundamental estudar e acompanhar os desafios atuais decorrentes da juvenilização da EJA com o intuito de contribuir para a construção de um currículo e de práticas pedagógicas que atendam à cultura juvenil, assim como para a formação dos professores desse segmento educativo.

Partindo das considerações acima, o estudo aqui apresentado teve como objetivo geral identificar os desafios pedagógicos atuais decorrentes da juvenilização da EJA com base na produção acadêmica sobre o fenômeno na área da educação. Além disso, a pesquisa procurou classificar a produção acadêmica atual (de 2019 a 2024) e identificar possíveis lacunas e caminhos futuros para o desenvolvimento de mais pesquisas sobre o fenômeno de estudo. Pensamos que a investigação poderá contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que, de fato, considerem o perfil contemporâneo do público da EJA e, especialmente, as necessidades e expectativas dos jovens. Acreditamos também que o estudo poderá contribuir para o planejamento de ações atualizadas de formação inicial e continuada para os docentes, assim como para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a juvenilização da EJA, tendo em vista a implementação de políticas e programas educacionais.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos e responder à questão norteadora – Quais são os atuais desafios pedagógicos decorrentes da juvenilização da EJA? –, optou-se pela condução de uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Esse desenho metodológico foi escolhido por consistir em um processo investigativo rigoroso de planejamento e reunião de estudos originais, o qual permite sintetizar múltiplas investigações por meio de estratégias que minimizam erros aleatórios

e vieses de seleção (Ercole; Melo; Alcoforado, 2014). A pesquisa foi conduzida conforme o método *Systematic Search Flow* (SSF), desenvolvido por Ferenhof e Fernandes (2016).

De acordo com os autores, o SSF segue um procedimento metodológico rigoroso, que tem como objetivo minimizar possíveis desvantagens derivadas da escolha de documentos aleatórios durante o processo de revisão e mapeamento da literatura. Para isso, a metodologia SSF é composta por quatro (4) fases e oito (8) atividades organizadas conforme explicitado a seguir. A primeira fase abrange a elaboração do protocolo de pesquisa e está composta por cinco (5) atividades: a) definição das estratégias de busca, considerando os objetivos do estudo proposto; b) consultas nas bases de dados; c) organização inicial do portfólio bibliográfico; d) definição dos critérios de seleção dos documentos que farão parte do portfólio bibliográfico final e que serão analisados para a consecução dos objetivos da pesquisa; e) composição do portfólio bibliográfico final. A segunda fase envolve a atividade seis (6) e destina-se à análise e consolidação dos dados apurados na primeira fase, abrangendo a combinação e agrupamento dos dados levantados para uma análise bibliométrica. A terceira fase com a atividade sete (7) envolve a sintetização e organização dos dados e conhecimentos mais relevantes obtidos com a leitura e análise dos documentos. A quarta fase envolve a atividade oito (8) e se refere à consolidação dos resultados e redação do trabalho.

O estudo aqui apresentado seguiu as quatro (4) fases e oito (8) atividades do SSF descritas no parágrafo anterior. Para sintetização e organização dos dados (terceira fase), foi realizada uma Análise Temática (AT) conforme Braun e Clarke (2006) e Souza (2019). A AT é um método de análise de dados qualitativos que permite identificar, interpretar e relatar padrões (temas) organizados de acordo com o problema e objetivos da pesquisa (Braun; Clarke, 2006). Uma característica importante da AT é a recursividade, ou seja, a possibilidade de identificar e relatar padrões (temas) que se repetem nos dados, sinalizando assim sua relevância (Souza, 2019).

Durante o processo de AT realizada, foram construídas seis (6) categorias temáticas que guiarão a apresentação e discussão dos resultados: 1) práticas pedagógicas inadequadas; 2) sistema de avaliação inadequado; 3) visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA; 4) questões de formação inicial e/ou continuada dos professores; 5) questões de infraestrutura e de recursos; 6) conflitos intergeracionais. Em relação às categorias construídas, é importante ressaltar que a segunda categoria (sistema de avaliação inadequado) somente consta em um (1) dos artigos investigados, optando-se por sua construção em função da importância da avaliação da aprendizagem para o tema com que aqui se ocupa e de sua inter-relação com as práticas pedagógicas. Assim, e pensando a avaliação da aprendizagem como um componente intrínseco e dialógico das práticas pedagógicas, a categoria 1 (práticas pedagógicas inadequadas) e a categoria 2 (sistema de avaliação inadequado) serão apresentadas de forma conjunta na seção de análise e discussão dos resultados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme esclarecido na seção anterior, a fase 1 do método SSF refere-se à elaboração do protocolo de pesquisa que é composta por cinco (5) atividades que foram realizadas como explicitado a seguir. A partir do objetivo do estudo, foram delimitados os seguintes parâmetros de pesquisa: recorte temporal de 6 anos abrangendo o período de 2019 a 2024, sendo o tipo de documento para o estudo artigos acadêmicos (excluídas revisões de literatura) publicados em

português, e de pesquisas realizadas e publicadas no Brasil. As bases de dados escolhidas para a busca foram DOAJ®, Educ@® e Scielo®. Optou-se pelo recorte temporal de 6 anos em função da pouca quantidade de artigos sobre a temática e da importância de uma revisão a mais atualizada possível. A estratégia de busca usada nas bases de dados foi a utilização dos termos ‘Juvenilização’, ‘EJA’, ‘Desafios’, ‘Práticas Pedagógicas’, fazendo combinações desses termos com a utilização do operador booleano ‘AND’.

Inicialmente, foram recuperados 43 artigos que tiveram suas referências registradas em tabelas para uma análise preliminar a partir da leitura de seus títulos, resumos e palavras-chave. Os artigos *a priori* foram organizados por marcadores para facilitar compreender o ano de publicação, autoria, base de dados e se em um mesmo artigo aparecia mais de uma combinação de termos. Feita a leitura na íntegra desses 43 artigos, 23 foram eliminados por não atenderem aos parâmetros definidos no protocolo de busca e não responderem ao objetivo delimitado para a RSL. Os 20 artigos remanescentes compõem o portfólio final, apresentado no Quadro 1. Destaca-se que na última coluna do Quadro 1 foram sinalizadas as categorias temáticas de análise presentes em cada artigo.

Quadro 1 - Portfólio final

Nº	Autoria	Ano	Título	Categorias Temáticas
1	NOVAIS, Valeria Silva de Moraes; GOMES, Mateus Paulino Ramos	2019	A educação de jovens e adultos no Estado do Amapá: perspectivas e apontamentos sobre seu perfil atual	- Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores.
2	MACHADO, Socorro Balieiro; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão	2020	A juvenilização da EJA no estado do Amapá: uma análise na Escola Estadual Santa Inês em Macapá-AP	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Sistema de avaliação inadequado. - Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores. - Questões de infraestrutura e de recursos.
3	OLIVEIRA, Maria da Conceição Cédro Vilas Bôas de; COSTA, Graça dos Santos	2020	A Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos: Desafios e possibilidades curriculares	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores.
4	SOUZA FILHO, Alcides Alves de; CASSOL, Atenuza Pires; AMORIM, Antonio	2021	Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização	- Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Conflitos intergeracionais.
5	BOANAFINA, Anderson Teixeira; HILÁRIO, Sandro Marcelo; BOANAFINA, Lilian Soares	2021	Vinte anos depois: desafios da EJA na formação dos jovens no contexto da dualidade estrutural	- Práticas pedagógicas inadequadas.

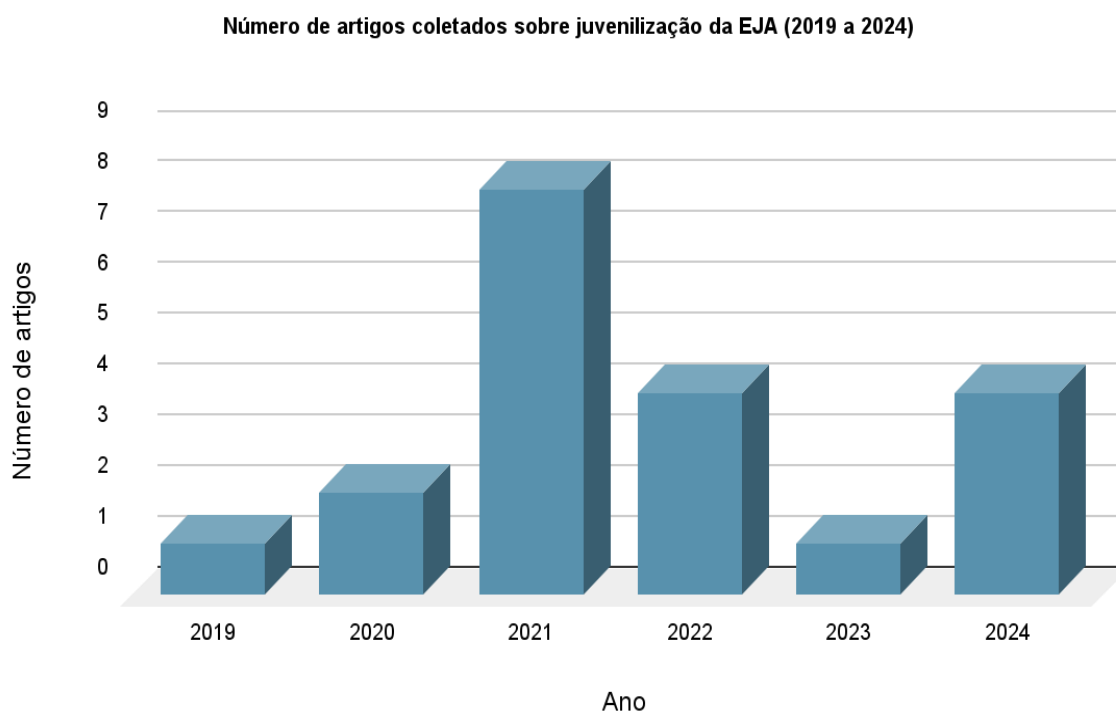
6	RUTZ, Beatriz Timm; CARLAN, Franciele de Abreu	2021	Educação de Jovens e Adultos: concepções e prática pedagógica docente	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores.
7	ANDRADE JÚNIOR, Sérgio Henrique Noblat <i>de et al.</i>	2021	O ensino da educação física na EJA: uma análise a partir de falas dos professores	- Práticas pedagógicas inadequadas.
8	RESENDE, Ana Carolina Costa; CASSAB, Mariana.	2021	A construção curricular de uma educadora de Ciências na EJA: como a presença dos jovens afeta sua prática	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores.
9	REIBNITZ, Cecília de Sousa; MELO, Ana Carolina Staub de	2021	Pesquisa como princípio educativo: uma metodologia de trabalho para a Educação de Jovens e Adultos	- Práticas pedagógicas inadequadas.
10	COSTA, Eduardo Antonio de Pontes; SILVA, Rosângela Lopes da	2021	A escola na berlinda: pesquisa documental e narrativas juvenis em foco	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de infraestrutura e de recursos.
11	SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues; SOARES, Leônicio	2021	Educação de Jovens e Adultos na esfera municipal em Minas Gerais	- Práticas pedagógicas e inadequadas. - Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores. - Questões de infraestrutura e de recursos.
12	SILVA, Fabiane Maria; GONÇALVES, Taísa Grasiela Gomes Liduenha	2022	Perfil de estudantes com deficiência intelectual na educação de jovens e adultos especial: o cenário de Minas Gerais	- Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA.
13	ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação	2022	A juvenilização na educação de jovens e adultos: o perfil dos alunos e das alunas jovens da Região dos Inconfidentes-MG	- Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de Formação Inicial e/ou Continuada dos Professores.
14	PEREIRA, Talita Vidal; OLIVEIRA, Roberta Avoglio Alves	2022	Em busca do estudante ideal? Reflexões docentes sobre o processo de Juvenilização da EJA	- Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Conflitos intergeracionais.
15	TEIXEIRA, Eliana de Oliveira	2022	Juvenilização e enegrecimento da EJA em tempos de universalização da Educação Básica	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA.
16	BALAGUER, Clarissa Gimenes <i>et al.</i>	2023	Educação física no ensino médio da Educação de Jovens	- Práticas pedagógicas inadequadas.

			e Adultos: (im)possibilidades pedagógicas sobre o corpo	
17	AZEVEDO, Alessandro Augusto de	2024	A EJA no Rio Grande do Norte: desafios e limites a partir dos resultados do Plano Nacional de Educação 2014-2024	- Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de infraestrutura e de recursos.
18	SILVA, Jaqueline Luzia da	2024	Investigações sobre o currículo para a alfabetização de jovens, adultos e idosos: o que dizem as propostas	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores. - Conflitos intergeracionais.
19	VIEIRA, Karina Sales; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas.	2024	Relação com o Saber e Juvenilização: um estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Conflitos intergeracionais.
20	VALE, Rodrigo dos Santos; ROCHA; Denise Abigail Britto Freitas	2024	O Processo de Juvenilização da EJA no Colégio Estadual Pinto de Aguiar (2020-2022)	- Práticas pedagógicas inadequadas. - Visão social e escolar da EJA e do aluno da EJA. - Questões de formação inicial e/ou continuada dos professores.

Fonte: Elaboração dos autores (2026).

OBSERVAÇÕES GERAIS

Os artigos achados e analisados foram publicados no período de 2019 a 2024 da seguinte maneira: 2019 (um artigo), 2020 (dois artigos), 2021 (oito artigos), 2022 (quatro artigos), 2023 (um artigo) e 2024 (quatro artigos). Assim, a maioria dos artigos que apresentam desafios pedagógicos decorrentes da juvenilização da EJA se concentra no ano de 2021, como mostrado no Gráfico 1. Todas as publicações analisadas apresentam diversas questões da EJA que são agravadas pelo processo de juvenilização. Essas questões foram apreendidas nas categorias temáticas de análise construídas, que serão apresentadas a seguir.

Gráfico 1 - Artigos coletados sobre a juvenilização da EJA publicados entre 2019 e 2024

Fonte: Elaboração dos autores (2026).

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INADEQUADAS E SISTEMA DE AVALIAÇÃO INADEQUADO

Quatorze (14) dos artigos encontrados nesta pesquisa sinalizaram a existência de práticas pedagógicas pouco adequadas às especificidades, à complexidade e diferencial da EJA. Para Machado e Custódio (2020), essas práticas pedagógicas não consideram a faixa etária, o meio social e as experiências do aluno. Há um predomínio do uso de aulas expositivas como principal recurso didático, o que gera desmotivação e incide nas dificuldades que os alunos têm para frequentar as aulas. Com base em um estudo realizado com professores da modalidade, Rutz e Carlan (2021) indicam que muitos professores adaptam as aulas de outras modalidades de ensino. A tentativa de ajustar os conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental regular para a EJA pode se desdobrar em – e/ou aumentar outros – entraves encontrados pelos participantes da pesquisa: dificuldades para ensinar os conceitos de suas áreas do conhecimento aos alunos, e desinteresse e desmotivação entre os alunos mais jovens que ficam dispersos durante as aulas. Com base nos dados do estudo, Rutz e Carlan (2021) ressaltam que, apesar de procurar por metodologias diversificadas, muitos docentes ainda resistem a usá-las por acreditarem que não influenciam de maneira positiva os processos de aprendizagem. Silva (2024) problematiza a ausência de uma política curricular para a EJA na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e realiza a análise de diferentes propostas curriculares de alfabetização em municípios do Rio de Janeiro. Sua análise traz à tona um descompasso entre propostas curriculares, o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 e a própria BNCC (Silva, 2024). Esse descompasso leva à invisibilidade curricular da modalidade, resultando em práticas descontextualizadas e infantilizadas, problema agravado pela percepção dos próprios alunos sobre o que aprendem. Essa percepção se comprova a partir dos dados apontados no estudo de Vieira e Teixeira (2024), que, ao pesquisarem um grupo de estudantes,

revelam a dificuldade dos alunos da EJA em informar claramente os conhecimentos que eles estão aprendendo na escola.

Conforme sinalizado anteriormente, o sistema de avaliação inadequado apareceu somente em um (1) dos artigos analisados, ficando nesta parte da discussão em função da relação dialética entre a avaliação da aprendizagem e a prática pedagógica. Machado e Custódio (2020) acusam tanto o predomínio de uma metodologia de ensino tradicional quanto o predomínio de um sistema de avaliação padrão, usado da mesma forma que no ensino regular. Assim, na EJA se reproduz um sistema avaliativo que já levou o aluno à reprovação e ao abandono escolar. É comum que os alunos reclamem pela manutenção de uma forma de avaliação que não permite a reconstrução de seu percurso educativo, nem a efetiva produção de novos conhecimentos.

VISÃO SOCIAL E ESCOLAR DA EJA E DO ALUNO DA EJA

Os desafios relativos à visão da sociedade e da escola em relação à EJA e ao aluno que a frequenta foram apontados em treze (13) artigos analisados. Pereira e Oliveira (2022) realizaram uma pesquisa com docentes da EJA visando analisar os sentidos produzidos sobre a juvenilização. Com base na fala dos participantes e na análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola visitada, as autoras destacam que os estudantes mais jovens são reconhecidos como vítimas das adversidades dos processos de escolarização, são apresentados como estudantes adolescentes socialmente vulneráveis e compreendidos como transgressores que devem ser afastados de problemas. Assim, a transferência do estudante jovem para a EJA surge como uma estratégia para eliminá-lo da escola regular, na medida em que foge ao padrão que se normatizou como estudante ideal. Sua presença tende a ser significada como ameaça à possibilidade da EJA atender a adultos que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos em condições de normalidade. O cenário não é diferente quando abordada a modalidade da EJA Especial e do atendimento de estudantes com deficiência intelectual em Minas Gerais. Para Silva e Gonçalves (2022), a EJA Especial também se apresenta como uma tentativa de eliminar o aluno da escola regular ao transferi-lo por reprovações e repetências. Grande parte dos alunos com deficiência permanece no Ensino Fundamental e, em seguida, frequenta a EJA e as instituições especializadas, sem acesso ao Ensino Médio regular. Uma vez na EJA Especial, o aluno se mantém nos anos iniciais, que têm altos índices de matrícula.

Silva e Gonçalves (2022) também relatam altos índices de matrícula de alunos na faixa etária dos 15 aos 20 anos, confirmando que esses alunos não tiveram processos efetivos de escolarização na idade regular. Assim, faz-se necessário reconsiderar a EJA como um espaço de formação integral do ser humano, pois essa modalidade se apresenta como uma alternativa para a reparação da dívida educacional com pessoas que não podem se manter invisíveis nas políticas públicas e no contexto escolar.

Sobre as especificidades da visão dos docentes em relação à EJA, Silva e Soares (2021) destacam que muitos professores têm seu primeiro contato com a EJA por acaso. Em paralelo, Vieira e Teixeira (2024) identificam que a motivação dos estudantes para ingresso na EJA é impulsionada por uma forte mobilização em direção ao futuro, sendo o principal móbil a projeção universitária, que apareceu em 63% das ocorrências de sua amostra. Assim, a EJA também é

entendida como um passaporte para o ingresso na universidade e para o mundo do trabalho, revelando uma visão positiva da modalidade na perspectiva dos estudantes.

Apesar dessa visão positiva, o sistema educacional, tanto em nível nacional quanto regional, apresenta uma tendência decrescente de matrícula na EJA, mantendo traços marcantes da desigualdade educacional e uma concepção compensatória, incapaz de reverter a baixa escolarização (Azevêdo, 2024). Questões relativas à formação inicial e continuada e à visão social da EJA fazem com que a modalidade seja considerada por docentes como uma oportunidade de complementação de carga horária, e não como um espaço rico e importante para a atuação profissional. A identificação e a valorização da EJA vão se construindo ao longo da trajetória dos professores nessa modalidade de ensino.

QUESTÕES DE FORMAÇÃO INICIAL E/OU CONTINUADA DOS PROFESSORES

Durante o estudo foram identificadas questões relativas à formação inicial e/ou continuada do professorado da EJA em nove (9) artigos. Os artigos apontam o descompasso entre a formação docente e o aluno que entra na sala de aula, pois os professores não possuem formação específica para a modalidade de ensino, contrariando o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a EJA (Silva; Soares, 2021). Segundo Rutz e Carlan (2021), não tendo formação adequada, os educadores optam por fazer adaptações do ensino regular sem previamente contextualizar os conteúdos ou traçar relações com as experiências dos alunos. Como caracterizam Machado e Custódio (2020), o uso dessas adaptações acaba por acentuar as dificuldades de aprendizado dos alunos.

Silva e Soares (2021) evidenciam tais questões a partir do discurso docente de ‘caí na EJA’, onde os professores que ‘caem’ nessa modalidade têm proficiência em suas áreas de formação, mas durante seu processo formativo não tiveram contato com as singularidades da escolarização na EJA. Ou seja, os professores chegam à sala de aula com as concepções que têm em relação ao ensino de crianças e adolescentes da modalidade regular. A falta de professores capacitados para exercer a função de mediadores nessa modalidade de ensino é apontada como um dos fatores pedagógicos que intensificam os impactos do processo de juvenilização (Vale; Rocha, 2024).

Nesse sentido, Vieira e Teixeira (2024) destacam que a presença crescente de jovens na EJA representa um dilema e um desafio complexo para a formação docente. Por sua vez, Rutz e Carlan (2021) reforçam a importância da formação inicial adequada para trabalhar com a EJA e destacam que os cursos de licenciatura não possuem, em seu currículo, disciplinas optativas/eletivas que dão conta desta modalidade de ensino, o que por vezes impossibilita um trabalho em conformidade com o currículo, sinalizando a importância da formação continuada específica para quem atua na área. Uma solução sugerida nas pesquisas é a integração das universidades com as escolas a partir dos projetos de extensão que visem conhecer e melhorar a práxis pedagógica no contexto da EJA. Outra contribuição é apontada por Silva e Soares (2021), que elencam exigências formativas ao professor da EJA, sendo: a) legado da educação popular nos currículos; b) reconhecimento da diversidade étnica e cultural; c) tempos, espaços e avaliações diferenciadas; d) recursos didáticos próprios; e) busca de políticas públicas suplementares; f) formação dos educadores apropriada para o público da EJA.

QUESTÕES DE INFRAESTRUTURA E DE RECURSOS

Outro aspecto importante evidenciado nesta pesquisa é a problemática das condições de infraestrutura e recursos, que já era acentuada na EJA e que se agrava com o processo de juvenilização, afetando de forma negativa a qualidade da educação ofertada. Machado e Custódio (2020) apresentam dados sobre a falta de assessoramento pedagógico de escolas que ofertam a EJA, assim como a ausência de recursos financeiros adequados, incidindo em escolas sem espaços elementares ao processo de ensino e aprendizagem (bibliotecas, sala de recursos, laboratórios, refeitório adequado, projetores, quadras poliesportivas, etc.) e resultando em um número expressivo de professores que apenas utilizam como material de aula o pincel e o quadro branco.

Ao analisar a EJA dentro do Plano Nacional de Educação 2014-2024, Azevêdo (2024) identifica o financiamento e a infraestrutura como aspectos internos ao sistema, que perpetuam a desigualdade educacional brasileira e afetam de maneira mais intensa as condições de marginalidade de modalidades como a EJA. A respeito dos recursos didáticos, há uma constante nos artigos de Machado e Custódio (2020), Silva e Soares (2021) e Costa e Silva (2021), que sinalizam a não existência de materiais próprios para a EJA, assim como que o material disponibilizado não é suficiente e não se relaciona com a realidade dos alunos, seja o jovem, seja o adulto ou o idoso. Conforme Machado e Custódio (2020), a ausência de infraestrutura e recursos elementares no espaço escolar leva o professor a utilizar metodologias tradicionais e próprias do ensino regular que não condizem com a realidade da EJA, limitando a modalidade – que, em sua gênese, tem um caráter emancipatório – à mera transmissão de saberes e, então, acentuando as dificuldades de aprendizagem do alunado da EJA, que vê a falta de infraestrutura (materiais didáticos, currículo específico, espaços elementares) e a ausência de capacitação específica para os professores da modalidade – explicitada na seção anterior – como os motivos principais de sua dificuldade de aprendizagem.

CONFLITOS INTERGERACIONAIS

A temática do conflito intergeracional é identificada nos artigos analisados ao longo da revisão, constituindo-se uma questão nova e fundamental que envolve a relação com a construção do conhecimento e o posicionamento dos discentes em relação ao processo de aprendizagem (Vieira; Teixeira, 2024). Pode-se dizer que este conflito intergeracional tem na sua base visões e crenças sobre o que é a EJA e sobre o perfil do alunado, sua faixa etária e as expectativas educativas desses sujeitos. Além disso, essas dinâmicas conflitantes são frutos da diversidade etária nas salas de aula da EJA, que estabelece um espaço de relações intergeracionais tensionado por “distinções entre as culturas e os comportamentos de jovens, adultos e idosos” (Araújo; Coutrim, 2022, p. 3).

Pereira e Oliveira (2022) apresentam percepções dos professores sobre a juventude da EJA, evidenciando o estranhamento destes com os jovens e a percepção de um conflito intergeracional em que os adultos se constroem com a presença dos mais novos. Em suas conclusões, Vieira e Teixeira (2024) indicam que a existência do conflito intergeracional reforça que a diferença de perspectiva entre os grupos etários gera tensões que afetam a definição de conteúdos, metodologias e avaliações, suscitando outro tipo de conflito. No caso, um conflito que diz respeito ao direito dos mais jovens àquele espaço (a quem o professor deve dar mais atenção?), demandando estratégias

do professor que contemplem ambos os grupos. Souza Filho, Cassol e Amorim (2021). assim como as autoras anteriores, apresentam a temática do conflito intergeracional descrevendo como a presença de pessoas com mais experiência convivendo com a juvenilização é marcada por conflitos, pois os mais velhos veem essa juventude como ameaça à ordem e coesão social escolar, e os jovens com sua postura apática revelam um desafio ao docente, suscitando a necessidade de um olhar atento do professor, para que seja possível elaborar um plano de curso que contemple os sujeitos em conflito e suas especificidades.

Para uma visão mais abrangente das questões intergeracionais que se apresentam na EJA, é necessário considerar dados de pesquisas e trabalhos recentes sobre o processo oposto ao qual se ocupa aqui: o recente aumento de pessoas idosas na EJA. Assim, a partir de um texto complementar sobre esse tema, é importante apontar que o processo de juvenilização acontece em paralelo ao aumento da longevidade da população e a uma maior procura de escolarização por parte da população idosa com baixa escolaridade (Pereira; Di Pierro, 2024). Dessa forma, a questão merece atenção especial e um olhar prospectivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicitado ao longo do texto, o objetivo central da RSL realizada e do presente artigo foi identificar os desafios pedagógicos atuais e decorrentes da juvenilização da EJA. Considera-se que o objetivo foi alcançado uma vez que os resultados mostram desafios específicos que abrangem desde práticas pedagógicas e avaliativas inadequadas até conflitos intergeracionais. Ressalta-se que, a partir da análise dos artigos do portfólio final, foi possível perceber que o fenômeno de juvenilização da EJA agrava diversas questões gerais dessa modalidade de ensino, incidindo nos diferentes processos pedagógicos. Ou seja, o processo de juvenilização da EJA acaba ampliando e intensificando os desafios pedagógicos característicos da modalidade. Um exemplo disso é a falta de recursos didáticos, que tem sido uma questão da EJA discutida ao longo do tempo e por vários autores desde perspectivas diversas (Mello, 2019; Soares, 2011). O processo de juvenilização agrava essa problemática, uma vez que demanda a construção de novos e diferentes recursos didáticos para atender às especificidades do perfil atual dos alunos.

Outro exemplo dos desafios pedagógicos da modalidade intensificados pelo processo de juvenilização abrange o predomínio de práticas pedagógicas inadequadas para o perfil e necessidades dos alunos. As práticas pedagógicas que não consideram a faixa etária dos discentes, e que reproduzem metodologias usadas no Ensino Fundamental têm sido alvo de reflexão ao longo do tempo (Oliveira, 2007; Réus, 2017). Atualmente, e a partir de estudos sobre as novas tecnologias na educação, autores como Lima *et al.* (2024) apontam os recursos tecnológicos como ferramentas interativas de aprendizado que podem ser fundamentais no processo pedagógico da EJA. Videoconferências, aplicativos de jogos educacionais e plataformas de *e-learning* podem tornar o aprendizado mais envolvente, personalizado e dinâmico, além de promover a interação e colaboração entre docentes e discentes.

Com base na análise temática realizada, sublinha-se a importância de mais e novas pesquisas que abordem os desafios apontados de maneira mais aprofundada e contextualizada, com o intuito de conhecer e compreender melhor as diversas necessidades de alunos e professores, para a construção e o desenvolvimento de práticas pedagógicas significativas e emancipatórias,

assim como para o planejamento de ações atualizadas de formação inicial e continuada aos docentes. Neste ponto, é fundamental sinalizar a necessidade de pesquisas que considerem as experiências dos alunos, ou seja, que abram o espaço para as vozes dos protagonistas da modalidade de ensino. Ao realizar a RSL aqui apresentada, foi possível perceber poucas pesquisas com os discentes, prevalecendo a perspectiva dos professores.

Entende-se que a pesquisa aqui apresentada contribui para a compreensão do impacto da juvenilização da EJA nos diversos desafios dessa modalidade de ensino. Contudo, o estudo apresenta as limitações características de toda RSL, que precisa da delimitação de parâmetros metodológicos específicos (recorte temporal, bases de dados específicas, etc.). Assim, sinalizam-se a conveniência e a utilidade de novas revisões sistemáticas sobre o tema, que podem agregar novas descobertas e informações.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE JÚNIOR, Sérgio Henrique Noblat de *et al.* O ensino da educação física na EJA: uma análise a partir de falas dos professores. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. e27074, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.112519>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/ZYPjMRmvZQzb78TXhfSfNVp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- ARAÚJO, Regina Magna Bonifacio; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. A juvenilização na educação de jovens e adultos: o perfil dos alunos e das alunas jovens da Região dos Inconfidentes-MG. **Perspectiva**, v. 40, n. 4, p. 1-19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2022.e68231>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/68231>. Acesso em: 3 abr. 2026.
- AZEVEDO, Alessandro Augusto de. A EJA no Rio Grande do Norte: desafios e limites a partir dos resultados do Plano Nacional de Educação 2014-2024. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 32, n. 124, p. e0244323, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362024003204323>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362024000300311&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2025.
- BALAGUER, Clarissa Gimenes *et al.* Educação física no ensino médio da Educação de Jovens e Adultos: (im)possibilidades pedagógicas sobre o corpo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, e254083, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349254083>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sLhvZLppWVbfjQmsHPcCxfC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BOANAFINA, Anderson Teixeira; HILÁRIO, Sandro Marcelo; BOANAFINA, Lilian Soares. Vinte anos depois: desafios da EJA na formação dos jovens no contexto da dualidade estrutural. **e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 24, p. 163-179, 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2021.58150>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/58150>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 11/2000, de 10 de maio de 2000: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Relator: Carlos Roberto Jamil Cury. **Diário Oficial da União**, Brasília, seção 1, Brasília, DF, p. 15, 9 jun. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 3 abr. 2026.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Bristol, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 12 ago. 2024.

COSTA, Eduardo Antonio de Pontes; SILVA, Rosângela Lopes da. A escola na berlinda: pesquisa documental e narrativas juvenis em foco. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 46, p. 397-419, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.6854>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6854>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCANFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **REME – Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, jan/mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rem/article/view/50174>. Acesso em: 5 jul. 2024.

FERENHOF, Helio Aisenberg; FERNANDES, Roberto Fabiano. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: Método SSF. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov., 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194>. Acesso em: 10 abr. 2026.

KLAVA, Maria Elizabete de Oliveira Pinheiro. **O perfil dos alunos da EJA: a juvenilização em pauta**. 2015. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12805/1/2015_MariaElizabetedeOliveiraPinheiroKlava.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

LIMA, Rosa Malvina Melo De *et al.* A contribuição das tecnologias no processo pedagógico da educação de jovens e adultos (EJA). **Anais do X Conedu**, Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/112289>. Acesso em: 3 abr. 2026.

MACHADO, Socorro Balieiro; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. A juvenilização da EJA no Estado do Amapá: uma análise na Escola Estadual Santa Inês em Macapá-AP. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 23, n. 40, p. 228-248, maio/ago., 2020. DOI: <https://doi.org/10.36704/cef.v23i40.4588>.

MELLO, Paulo Eduardo Dias de. Políticas públicas para a produção de materiais didáticos para educação de jovens e adultos no Brasil entre 1995 e 2017: avanços, contradições e recuos. In: PAIVA, Jane (org.). **Aprendizados ao longo da vida**: sujeitos, políticas e processos educativos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019, p. 79-96. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786599036491>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/g8qcy/pdf/paiva-9786599036491.pdf> Acesso em: 30 jul. 2025.

MIRON, Kerén Talita Silva; SCHARDOSIM, Chris Royes. Juvenilização da EJA: Possibilidades e desafios na escolarização. **Revista EJA em Debate**, Santa Catarina, v. 10, n. 17, p. 1-17, jan./jun. 2021.

NOVAIS, Valéria Silva de Moraes; GOMES, Mateus Paulino Ramos. A educação de jovens e adultos no Estado do Amapá: perspectivas e apontamentos sobre seu perfil atual. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 5, p. 529-558, ed. esp. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n5id1117>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000500529&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2025.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar em Revista**, v. 23, n. 29, p. 83-100, abr./jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602007000100007>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/8668>. Acesso em: 27 jul. 2025.

OLIVEIRA, Maria da Conceição Cédro Vilas Bôas de; COSTA, Graça dos Santos. A juvenilização da Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades curriculares. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 42, p. 48-77, out./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i42.7336>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792020000300102. Acesso em: 10 out. 2025.

PEREIRA, M. D.; DI PIERRO, M. C. Desafios da Educação de Jovens e Adultos no contexto do envelhecimento da população paulistana. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 38, n. 111, p. 75-90, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202438111.005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/xXQVPbfd5Q6VFf7JjgNtwng/?lang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2026.

PEREIRA, Talita Vidal; OLIVEIRA, Roberta Avoglio Alves. Em busca do estudante ideal? Reflexões docentes sobre o processo de juvenilização da EJA. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 1633-1652, out./dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i4p1633-1652>. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/curriculum/v20n4/1809-3876-curriculum-20-04-1633.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

REIBNITZ, Cecília de Sousa; MELO, Ana Carolina Staub de. Pesquisa como princípio educativo: uma metodologia de trabalho para a Educação de Jovens e Adultos. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 111, p. 484-502, abr./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002902498>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/yb4j3Sn68RMHj5RB6XgDPgL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2025.

REICHARDT, Mirian; SILVA, Caroline. A importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Cadernos Intersaberes**, Curitiba, v. 9, n. 23, p. 58-70, 2020. Disponível em:

<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1666>. Acesso em: 25 jan. 2025.

RESENDE, Ana Carolina Costa; CASSAB, Mariana. A construção curricular de uma educadora de ciências na EJA: como a presença dos jovens afeta sua prática. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 23, p. e24302, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-21172021230106>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/gZzmJryjYLS5s3pvQB3Dhws/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2025.

RÊSES, Erlando da Silva; SILVEIRA, Dimitri Assis; PEREIRA, Maria Luiza Pinho. **Educação de jovens e adultos trabalhadores: análise crítica do Programa Brasil Alfabetizado**. Brasília: Editora Paralelo 15, 2017.

RÉUS, Májori Bez. “Caprichem nas folhinhas”: a infantilização das práticas pedagógicas e docência na EJA. In: RODRIGUES, M.B.C., ROCHA, F.M.; MASSENA, J.H. (org.). **Pesquisas e proposições pedagógico-curriculares na escolarização inicial da educação básica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 118-139. DOI: 10.7475/9788538604723.0006. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3vrq5/pdf/rodrigues-9788538604723-06.pdf>. Acesso em: 12 set. 2025.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Traçando o perfil de alunos e professores da EJA**. São Paulo: SME/DOT, 2004. (Coleção Uma nova EJA para São Paulo, 3)

RUTZ, Beatriz Timm; CARLAN, Francele de Abreu. Educação de Jovens e Adultos: concepções e prática pedagógica docente. **Revista Cocar**, Belém, v. 15, n. 33, p. 1-20, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4693>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANTOS, Maria Aparecida Silva. **O perfil do aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Município de Porto Franco-MA**. 2022. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus de Tocantinópolis, 2022.

SILVA, Fabiane Maria; GONÇALVES, Taísa Grasiela Gomes Liduenha. Perfil de estudantes com deficiência intelectual na educação de jovens e adultos especial: o cenário de Minas Gerais. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 35, p. e27/1-27, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X68369>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/68369>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues; SOARES, Leôncio. Educação de Jovens e Adultos na esfera municipal em Minas Gerais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, p. e227768, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147227768>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/X9mpwhGCB4Rf95X89bVshYB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SILVA, Jaqueline Luzia da. Investigações sobre o currículo para a alfabetização de jovens, adultos e idosos: o que dizem as propostas? **Educar em Revista**, Curitiba, v. 40, p. e92981, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.92981>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/fkMFCYVfqfw4zdGGbyZjNMN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 maio 2025.

SOARES, Leôncio. As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA. **Educar em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 303-322, ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/qFdTzwT7cfKzvtjNfWbXndr/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SOUZA FILHO, Alcides Alves de; CASSOL, Atenuza Pires; AMORIM, Antônio. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 718-737, jul./set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002902293>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/4b8tWfCRNXmBxCt8CzC3chQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2026.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v71n2/05.pdf>. Acesso em: 10 out. 2025.

TEIXEIRA, Eliana de Oliveira. Juvenilização e enegrecimento da EJA em tempos de universalização da Educação Básica. **e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 28, p. 96-119, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2022.58184>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/58184>. Acesso em: 22 jun. 2025.

VALE, Rodrigo Magno dos Santos; ROCHA, Denise Abigail Britto Freitas. O processo de juvenilização da EJA no Colégio Estadual Pinto de Aguiar (2020-2022). **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 33, n. 75, p. 32-44, jul./set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.21879/faceba2358-0194.2024.v33.n75.p32-44>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/view/19765>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VIEIRA, Karina Sales; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Relação com o saber e juvenilização: um estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 33, n. 75, p. 101-115, jul./set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.21879/faceba2358-0194.2024.v33.n75.p101-115>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/view/19801>. Acesso em: 3 abr. 2026.

Recebido em: 10 de dezembro de 2025

Aprovado em: 12 de maio de 2026